

A Igreja da Esperança: Ecclesiologia e práxis pastoral em Jürgen Moltmann

Alonso Gonçalves¹

Resumo

O texto propõe uma leitura teológica e prática da ecclesiologia do teólogo alemão Jürgen Moltmann. Partindo de sua principal obra, *Teologia da Esperança*, o artigo procura abrir um diálogo entre os fundamentos ecclesiológicos do autor com a práxis pastoral a partir de uma leitura sucinta da realidade da igreja brasileira. Dentro desta perspectiva, Jürgen Moltmann pode contribuir para uma igreja comprometida com o Reino de Deus e com sua missão.

Palavras-chave: Igreja, Reino de Deus, sociedade, missão, prática pastoral

Abstract

The text proposes a reading and practical theological ecclesiology of the German theologian Jürgen Moltmann. From its main work, *Theology of Hope*, the article to open a dialogue between the author's pleas ecclesiology with pastoral praxis from a brief reading of the reality of the brazilian church. Within this perspective, Jürgen Moltmann can help a church committed to the Kingdom of God and his mission.

Key-words: Church, Kingdom of God, society, mission, pastoral practice.

Introdução

¹ Teólogo, pastor da Igreja Batista Memorial em Iporanga/SP; professor de filosofia no ensino médio; e-mail: pralgoncalves@yahoo.com.br; blog COMPARTILHANDO: www.wibmi.blogspot.com

Este artigo pretende dar continuidade a outro texto² cujo tema girou em cima das concepções eclesiológicas de J. Moltmann no seu texto mais conhecido, a *Teologia da Esperança*. Com este artigo, o que se pretende é olhar a sua eclesiologia pela perspectiva da esperança, conceito metodológico do autor, procurando abrir diálogo com uma práxis pastoral que leve em consideração as suas reflexões.

A proposta é se apropriar de alguns conceitos moltmanniano sobre igreja para que, num segundo momento, apontar algumas pistas pastorais para a igreja brasileira, levando em consideração o seu contexto.

Com uma análise da eclesiologia de J. Moltmann, apontando alguns conceitos-chave para a proposta que se intenta, passando por uma breve olhada no cenário eclesiástico brasileiro e suas vertentes, chega-se ao ponto de procurar dar subsídios práticos para uma pastoral que leve em consideração o seu contexto moderno e urbano e as recentes tendências de ser igreja numa sociedade que experimenta profundas mudanças rápidas e ao mesmo tempo drásticas.

1. A eclesiologia pública de Jürgen Moltmann

J. Moltmann, teólogo alemão nascido em 1926 em Hamburgo, serviu na Segunda Guerra Mundial numa bateria antiaérea na qual saiu ileso fisicamente, mas condoído espiritualmente, foi parar num campo de concentração inglês onde teve uma experiência com Deus. Prosseguiu seus estudos em teologia quando voltou à Alemanha em 1948.

Tendo contato com o filósofo neo-marxista Ernst Bloch, do qual conheceu sua principal obra, *O Princípio Esperança*, Moltmann torna o termo fio condutor de sua metodologia teológica, abrindo assim o que seria a Teologia da Esperança, que juntamente com Wolfhard Pannenberg, Johannes Metz e Edward Schillebeeckx procuram dar uma contribuição cristã para uma Europa dilacerada pela guerra.

Neste intuito, Jürgen Moltmann aparece para o cenário teológico com a sua mais importante obra até aqui, a *Theologie der Hoffnung* (Teologia da Esperança), em 1964. Nela, ele procura dar uma nova resposta e interpretação cristã aos desafios que o pós-

² Texto publicado na *Revista Théos* – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 5ª Edição, V.4 – N.º 2 – Dezembro de 2008. ISSN: 1908-0215, com o seguinte tema: **A eclesiologia de Jürgen Moltmann na Teologia da Esperança** (www.revistatheos.com.br).

guerra gerou. Deixando de lado, mas não totalmente, as tendências existencialistas como as de Paul Tillich, Karl Barth, Rudolf Bultmann e outros, nosso autor propõe uma abordagem escatológica para aspectos teológicos, políticos, sociais e humanos.³

Colocando a escatologia como tema principal de sua idéias, Moltmann é partidário de Karl Barth e sua teologia da Palavra. É com o teólogo da Basiléia que nosso autor irá se identificar.⁴

Como o nosso interesse é pensar a concepção eclesiológica do autor, não temos necessidade de esboçar a sua metodologia⁵, por isso passaremos para um breve resumo de seus conceitos principais no tema abordado. Infelizmente a sua obra que trata exclusivamente sobre igreja⁶, *Kirche in der Kraft des Geistes* (“A Igreja na força do Espírito”), não foi traduzida para o português. Embora neste texto ele se concentre mais na liturgia e ministérios da igreja, com alguns capítulos dedicados à função política da comunidade.

A igreja e o futuro

Moltmann estabelece o seguinte cronograma: Deus no Antigo Testamento é um Deus de promessa, portanto a revelação de Deus se dá na história da promessa. No Novo Testamento a ressurreição de Jesus Cristo, que se inicia a promessa e a abertura para o futuro é *prolepse*, ou seja, antecipação do que será o futuro, mas o futuro não se esgota com a ressurreição, mas antes confirma, antecipadamente, a promessa da glória e do senhorio do futuro Reino de Deus. A missão da igreja está totalmente atrelada ao conceito de Reino de Deus porque apenas por meio dela o futuro pode ser construído. A missão da igreja, portanto, está entre a promessa dada na ressurreição de Jesus e o seu cumprimento no futuro escatológico. Por meio da missão da igreja o mundo já é afetado na antecipação da nova criação e começa a ser transformado em direção da promessa de transformação escatológica.

A igreja e o Reino de Deus

³ MONDIN, *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 196.

⁴ MOLTSMANN, *Experiências de reflexão teológica*, p. 13.

⁵ Para uma análise metodológica: MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. Os teólogos protestantes e ortodoxos. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 1979-1980, vol. 2 (Col. Teologia Hoje).

⁶ Moltmann elaborou uma trilogia da esperança com as obras: *Teologia da esperança*, *O Deus crucificado* e *A Igreja na força do Espírito*.

A igreja é a expressão do Reino de Deus quando se torna anunciadora da esperança confirmada pela ressurreição de Jesus Cristo. A igreja, portanto, é chamada para mediar a presença de Cristo, que por sua vez media o futuro de Deus.⁷ Cabe à igreja ser construtora da realidade futura, e não apenas intérprete da história (como é visto nas concepções milenaristas, por exemplo). À igreja é dada a tarefa de esforçar-se para trazer o futuro para o presente. Sendo a igreja portadora do futuro, a promessa do Reino de Deus torna-se fundamento para a missão do amor pelo mundo⁸.

O Reino de Deus é o real fundamento da teologia da igreja, pois à igreja é dada uma obrigatoriedade missionária, pois ela está ligada à sociedade e compartilha com ela os sofrimentos desta época, formulando esperança em Deus para as pessoas.⁹ A igreja, neste sentido, é “uma comunidade na qual o fiel vive continuamente e não ocasionalmente; uma comunidade de fé, esperança e fraternidade que se torna fermento de vida para todo o mundo”.¹⁰ Para ela ser isso, fermento de vida, ela deve assimilar conscientemente de que é a *antecipação*, o *signal* do Reino de Deus. Jesus, com sua missão e ressurreição, trouxe o Reino de Deus para a história, e a igreja é a sua antecipação. Portanto, ela é o povo do Reino de Deus.¹¹ O que isso significa? Ora, para Moltmann a *promessa* gera *missão*; a promessa do Reino de Deus é o fundamento da missão do amor pelo mundo; a missão é a esperança da fé em ação.¹² O seguimento de Cristo implica no serviço ao mundo.¹³

Está dada a dimensão futuroológica da igreja na tarefa missionária quando cada cristão compreende sua função na missão. A esperança do futuro Reino de Deus é tarefa da igreja quando assume concretamente a sociedade em que esta inserida dando um horizonte de esperança, justiça, vida, humanidade. Isso só é possível com a pregação do evangelho (promessas de Deus sobre a nova criação que vem da ressurreição de Cristo). A missão é a proclamação de uma esperança viva, ativa e apaixonada pelo Reino de Deus e seus valores vivenciados por Jesus conforme os evangelhos.

A missão da igreja

⁷ ERICKSON, *Opções contemporâneas na escatologia*, p. 41.

⁸ MOLTSMANN, *Teologia da esperança*, p. 265.

⁹ MOLTSMANN, *Experiências de reflexão teológica*, p. 13.

¹⁰ MONDIN, *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 201.

¹¹ MOLTSMANN, *Teologia da esperança*, p. 386.

¹² Idem, p. 202.

¹³ GIBELLINI, *A teologia do século XX*, p. 284.

Moltmann acusa a igreja de estar marginalizada na sociedade.¹⁴ Ela não está inserida no cenário político, social e, por incrível que pareça, também no religioso, mas desenvolve funções que não são, originariamente, dela. A igreja tem como natureza ser uma igreja de Cristo, missionária, ecumênica e política.¹⁵ Foram dados à igreja papéis que não correspondem com o Novo Testamento.¹⁶ Com o surgimento da sociedade burguesa e as relações baseadas nas necessidades, o conceito de religião foi emancipado. Outrora, era dada a igreja certas tarefas/funções na sociedade e com o advento do modernismo isso foi suplantado. Vista como coração da sociedade,¹⁷ sustentadora e unificadora de interesses político-social no Império Romano, a igreja era tida como *culto público*, detentora da fé, da moral e da adoração a Deus. Com a chegada da modernidade, ela perde seu ideal moral e unificador e passa a ser um *culto privado*. A religião torna-se *religiosidade individual*. Dando ao indivíduo esta liberdade, a religião torna-se intimista e particularizada. Tem, a partir de agora, uma função¹⁸ consoladora diante da angústia existencial; é sua função dar às pessoas o sentido de existir. Mas essa função ainda é uma marginalização da igreja na sociedade secularizada. Até porque este também não é o papel que a igreja do Novo Testamento exercia.

As novas funções eclesiológicas são consequências de mudanças econômicas, político-filosóficas dos últimos anos. O século XIX e XX viu o crescimento do consumo e das relações pessoais baseadas nas necessidades. Com isso o homem recorreu à subjetividade como compensação para as tumultuadas relações sociais.

À igreja cabem as funções outorgadas pelo Novo Testamento, ou seja, a colaboração no financiamento do Reino de Deus. A dimensão profética e política da igreja são tomadas no seu sentido mais radical: a igreja está encarregada de fazer entrar a sociedade no seu horizonte de esperança; uma esperança de humanização do ser humano e socialização da sociedade.¹⁹ Não cabe mais à igreja ser considerada um supermercado, onde as pessoas vão fazer compras relacionadas à vida religiosa.²⁰

¹⁴ Como minha intenção é apontar pistas na práxis pastoral do autor, faço um resumo das igrejas-conceitos; o trabalho que trata propriamente da leitura eclesiológica da teologia da esperança já foi citado na nota de n.º 2.

¹⁵ MONDIN, *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 201.

¹⁶ MOLTSMANN, *Teologia da esperança*, p. 361-398.

¹⁷ REALE e ANTISERI, *História da filosofia*, p. 383.

¹⁸ GIBELLINI, *A teologia do século XX*, p. 285.

¹⁹ HIGUET, “*Teologia da esperança*” – *primeiro balanço crítico*, p. 34-35.

²⁰ MONDIN, *Os grandes teólogos do século vinte*, p. 201.

Colocada as suas bases, vejamos como a eclesiologia do nosso autor pode contribuir para uma práxis pastoral que favoreça uma igreja da esperança.

2. A práxis pastoral a partir de Jürgen Moltmann

A *teologia da esperança* recebeu algumas críticas no campo da história e da hermenêutica, e, principalmente, na área da práxis. As observações feitas, principalmente na América Latina, foi que a Moltmann faltaram elementos práticos em seu esboço teológico.

Etienne Higué observa que falta a Moltmann um elemento que coloque em dinâmica a promessa-esperança e a realidade do mundo. Quando nosso autor coloca a história como algo dependente apenas da ação de Deus e à igreja a obediência, ele desvaloriza a práxis histórica dos cristãos. Se o futuro depende única e exclusivamente de Deus, os cristãos estão se arriscando a morrer na sala de espera do futuro.²¹ Para Higué, a Moltmann falta uma devida leitura da história da humanidade, considerando as estruturas em que se dá a construção histórica, pois cabe ao ser humano a liberdade de produzir história pelos seus atos. Por este fato, Rubem Alves vê na *teologia da esperança* uma linguagem metafísica e meta-histórica ainda, pois só pode haver concretude de esperança quando a igreja encontra bases históricas para atuar.

A crítica que se faz a Moltmann no continente latino-americano provém da concepção libertadora, daí a temática da história. E não poderia ser diferente, Moltmann é alemão e sua vivência eclesial não experimentou posturas contestatórias como a *teologia da libertação*. Por isso, apesar de seus esforços, ele tenha dificuldades em encontrar uma linguagem que seja enraizada na experiência histórica concreta do homem.²²

Percebendo a falta de práxis em sua teologia, Moltmann abre um diálogo com a América Latina e se torna um assíduo leitor da produção teológica latino-americana, esperando encontrar a práxis para a sua *teologia da esperança*.²³ A recíproca não se deu; sua teologia é relegada ao seu continente e assim nosso autor trava polêmicos debates com teólogos latino-americanos, principalmente com o argentino Míguez-Bonino. Alegava-se que a *teologia da libertação* necessitava de elementos próprios para se auto-

²¹ HIGUET, “*Teologia da esperança*” – primeiro balanço crítico, p. 41.

²² GUTIÉRREZ, *Teologia da libertação*, p. 182.

²³ MOLTSMANN, *Experiências de reflexão teológica*, p. 184.

afirmar, isso aconteceu, e Moltmann entendeu assim também, mas o fato indubitável é que a *teologia da esperança* influenciou a *teologia da libertação*.

A intenção aqui é se apropriar dos conceitos fundamentais da eclesiologia moltmanniana, e não apontar mudanças ou críticas no arcabouço teológico do nosso autor, apenas tentar fazer uma leitura teórica e prática de sua eclesiologia abrindo um diálogo com a práxis pastoral.

J. Moltmann, em visita ao Brasil em 2008, falando no Rio de Janeiro e em São Paulo, coloca que a igreja precisa sofrer mudanças na sua concepção pastoral e missionária, porque missão não é a difusão da própria fé ou da auto-propaganda eclesial,²⁴ e é exatamente isso que se vê de forma bem nítida na realidade da igreja brasileira. Uma teologia de gueto onde cada um quer puxar a brasa para a sua sardinha. Diante desta constatação é que procuramos apontar pistas para uma igreja que seja esperança e que tenha concretude histórica, em outras palavras, que venha cuidar da esperança frágil do nosso povo, buscar a esperança perdida, esperar contra a esperança.²⁵

3. Pistas para uma práxis pastoral

Não entrando em pormenores sobre a situação da igreja brasileira, até porque a diversidade é muito grande e dentro do universo religioso brasileiro há uma quantidade enorme de segmentos e vertentes. Em resumo, a herança do país é católica, mas o sincretismo é evidente com religiões afro-brasileiras; o protestantismo de missão e imigração chegou ao país no século XIX e contribuiu mais ainda para a diversidade cultural e religiosa, além disso, presenciamos um surto cada vez mais aberrante de denominações de cunho pentecostais e neopentecostais. Há uma quantidade enorme de igrejas em porões e botecos pelo país e cada uma delas reivindica a unção do Espírito Santo. Essa realidade mostra que de fato há liberdade religiosa no país, por outro lado, há também o desânimo, a falta de credibilidade na igreja e a desconfiança para com a religião institucional.

Hoje as igrejas neopentecostais chamam mais atenção. Os pesquisadores se ocuparam com essas denominações e traçaram sua metodologia. Com um discurso

²⁴ MOLTSMANN, *Vida, esperança e justiça*, p. 35.

²⁵ STRECK, *Teologia prática e práticas pastorais na América Latina*, p. 113.

vitorioso e se valendo de elementos mágicos²⁶, fazem uso do imaginário religioso e dele tira o lucro com campanhas notórias de *marketing*.²⁷

A era da espetacularização parece que chegou para ficar. Presencia-se uma briga nos meios de comunicação de segmentos que quer ser grande a qualquer custo. A “igreja imagética” e seus pastores, bispos e apóstolos televisivos estão lutando para conquistar espaço na mídia e pessoas. Este processo começou com a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977 naquilo que os pesquisadores do fenômeno chamam de pentecostalismo de terceira onda. Seu cunhado, R. R. Soares, desgostoso com Edir, rompe com este e cria a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980. Agora está havendo um novo surto, é a Igreja Mundial do Poder de Deus com seu fundador “apóstolo” Valdemiro Santiago.²⁸ Este, com problemas de relacionamento, acaba rompendo com a IURD e criando mais uma igreja que quer conquistar o mundo. Não é por acaso que estas igrejas têm em seus nomes adjetivos como *universal, internacional e mundial*.

Com uma forte presença, até mesmo com sinais claros de monopólio, a IURD tem na mídia a sua mensagem de prosperidade e saúde. Há um novo corpo doutrinário hoje: Deus abençoa quem se sacrifica, Deus honra quem persevera. Há uma nova relação com a divindade, uma relação baseada nas necessidades atendidas – quase sempre financeira e física. Uma nova mentalidade foi inaugurada, a de que as bênçãos de Deus devem ser conquistadas.

Por práticas pastorais integradoras

Tomando como ponto de partida as concepções moltmanniana sobre igreja, importa apontar algumas práticas pastorais que sejam integradoras, ou seja, consiga integrar sociedade e igreja de forma a esta última ser de fato geradora de esperança e promotora do futuro, portanto uma igreja da esperança. Num cenário de desesperança, a igreja da esperança possibilita viver o presente e atuar sobre ele.²⁹

Em um país subjugado pelo capitalismo selvagem condenado a ser sempre especulativo, mas de terras belas e gente mestiça, a igreja tem a oportunidade de ser

²⁶ CAMPOS, *Teatro, templo e mercado*, p. 41.

²⁷ MENDONÇA, *Sindicato de mágicos*, p. 49-59.

²⁸ Para uma análise sobre os mesmos modos operacionais da IMPD: BITUN, Ricardo. **A “remasterização” do movimento pentecostal: Igreja Mundial do Poder de Deus**. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 23 (www.ciberteologia.org.br)

²⁹ LIBANIO, *As lógicas da cidade*, p. 70.

mais relevante nas questões sociais. Para um povo em que a “esperança é a última que morre”, a igreja necessita vivenciar a antecipação do Reino de Deus com uma postura que venha sempre favorecer a condição humana. Isso será possível com uma maior participação no processo político do país, onde, de fato, a igreja possa transmitir os fundamentos do Reino de Deus: justiça para todos, amor como base dos relacionamentos, fraternidade para com o desvalido e compaixão com quem sofre para comer o fruto da terra. A este povo festeiro que consegue passar do soluço à gargalhada em minutos³⁰, a igreja da esperança traz uma mensagem de que um país melhor é possível. Onde a violência possa perder seu espaço para a solidariedade; onde a discriminação e o preconceito para com o índio e o negro possam dar lugar ao acolhimento e a igualdade. Para isso ser de fato possível, a igreja não pode mais negligenciar os valores do Reino de Deus. Do contrário, continuará tendo uma prática pastoral que não seja libertadora.³¹

A preocupação denominacional não pode mais girar em torno de divergências doutrinárias. O Reino de Deus precisa suprir, urgentemente, essa teologia hedonista e utilitária que se vê hoje. Não dá mais para a igreja que quer ser instrumento de esperança intimizar as carências, particularizar os problemas, demonizar as estruturas sociais.

A grande contribuição que a igreja pode dar à sociedade brasileira é a proclamação de que o futuro ainda está por vim. Um futuro que coadune desenvolvimento econômico com questões sociais; um futuro que inclua no desenvolvimento sustentável a responsabilidade para com o meio ambiente e suas formas de vida; um futuro que coloque Deus como promotor desta esperança e a espiritualidade, com sua diversidade de manifestações, como construtora desta realidade.

Com a proliferação de denominações tidas como *evangélicas*, a igreja se transformou em um grande supermercado religioso. Neste cenário, dominado pelos *neopentecostais*, as práticas e as prédicas são marcadas pela frequente mercantilização do *Sagrado* e o uso de elementos mágicos com um fim bem claro de manipulação subjetiva e compensação imediata de desejos; o uso da comunicação de massa como ferramenta para construir impérios religiosos; o exclusivismo desavergonhado,

³⁰ CASALDÁLIGA e VIGIL, *Espiritualidade da libertação*, p. 72.

³¹ Sobre os alvos do Reino de Deus: GONÇALVES, Alonso. **Reino de Deus e práxis pastoral: uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino**. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano III, n. 23 (www.ciberteologia.org.br)

reivindicando a verdade do discurso religioso e a atuação do poder de Deus em local e horário definido.

O desafio é urgente. Levar a igreja a ter uma consciência ética e responsável pelo seu contexto social; contar com o comprometimento de todos na *missão* ao mundo, tornando patente o seu plano de amor pelo mundo; incentivar o uso das *vocações* para a transformação da sociedade por meio dos valores do Reino de Deus; procurar ser a *sinalização* da graça de Deus, pois ela é a consciência mais profunda do manifestar de Deus; tornar realidade, nela mesma, a presença amorosa de Deus por meio do cuidado fraterno; alimentar a fé de um mundo melhor por meio da esperança; celebrar a chave do futuro, a ressurreição de Cristo; ser uma igreja que consiga fazer uma leitura do seu contexto com o coração aberto.

Práticas pastorais integradoras passam pelo acolhimento da comunidade; apresentar Deus como uma experiência lúdica³²; uma pastoral solidária, que acompanhe o indivíduo como um todo; uma cosmovisão que encontre na mensagem da esperança caminhos para o anúncio e concretude do Reino de Deus.³³

Conclusão

A eclesiologia de J. Moltmann em contato com a realidade latino-americana, neste caso com a realidade religiosa brasileira, ganha outros contornos. Passa de um tratado eclesiológico para ganhar espaço na práxis pastoral. Seus conceitos de futuro, missão e Reino de Deus são atualizados para a nossa realidade eclesiástica, uma vez que a nossa maneira de ver igreja (muito mais na tradição protestante) é centralizadora. Por isso o teólogo alemão contribui para uma igreja militante que leia o mundo pós-moderno com um olhar crítico, mas também amoroso. Neste novo contexto, a igreja precisa superar o *eclesiocentrismo* estreito³⁴ e ser uma igreja comprometida com o seu tempo, tendo em vista que a ela é dada a função de mediadora do futuro, e, portanto, este futuro só será possível por meio da missão proclamadora do Reino de Deus.

Bibliografia

³² ROMEIRO, *Decepcionados com a graça*, p. 214.

³³ SILVA, *Pastoral urbana*, p. 21-22.

³⁴ LIBANIO, *Missão da igreja na cidade – pastoral urbana*, p. 53.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Uma análise da organização, rituais, *marketing* e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal: Igreja Universal do Reino de Deus. Petrópolis: Vozes, 1996.

CASALDÁLIGA, Pedro e VIGIL, José María. *Espiritualidade da libertação*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993 (Col. Teologia e Libertação).

ERICKSON, J. Millard. *Opções contemporâneas na escatologia*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. 2ª edição. Trad. João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. 2ª edição. Trad. Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1976.

HIGUET, Etienne A. “Teologia da esperança – primeiro balanço crítico”. Estudos de Religião, Ano X, n.º 11, Dez-1995, São Bernardo do Campo: UMESP.

LIBANIO, João Batista. “Missão da igreja na cidade – pastoral urbana”. In: FERNANDEZ, José Cobo (org.). *A presença da igreja na cidade II*. Novos desafios, novas abordagens. Petrópolis: Vozes, 1997 (Col. Igreja do Brasil).

_____. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. 2ª edição. São Paulo: Loyola, 2002 (Col. Theologika 2).

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. “Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina”. Estudos da Religião, Ano VI, n.º 8, Out-1992, São Bernardo do Campo: UMESP.

MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica*. Caminhos e formas da teologia cristã. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2004 (Col. Theologia Publica 5).

_____. *Teologia da esperança*. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Teológica, 2003.

_____. *Vida, esperança e justiça*. Um testamento teológico para a América Latina. Trad. Haroldo Reimer e Levy da Costa Bastos. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. Os teólogos protestantes e ortodoxos. 2ª edição. Trad. José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 1979-1980, vol. 2 (Col. Teologia Hoje).

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. De Nietzsche à Escola de Frankfurt. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006, vol. 6 (Col. Filosofia).

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça*. Esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SILVA, Geoval Jacinto da. “Pastoral urbana: a construção de sinais de esperança em situações de desesperança”. In: SILVA, Geoval Jacinto da (org.). *Itinerário para uma pastoral urbana*. Ação do povo de Deus na cidade. São Bernardo do Campo: EDITEO e UMESP, 2008.

STRECK, Danilo R. “Teologia prática e práticas pastorais na América Latina”. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2ª edição. São Leopoldo, São Paulo: Sinodal, ASTE, 2005.